

ISSN 1517-6916
CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais
Número 11 – Outubro de 2006
Pág. 93-111

DORES DA ALMA: ETNOGRAFIA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM SEGMENTOS DE CAMADAS MÉDIAS URBANAS.

Maria Carolina de Araújo Antonio¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as representações do sofrimento psíquico em indivíduos pertencentes às camadas médias urbanas. O eixo etnográfico visa as narrativas autobiográficas, analisando os significados atribuídos ao sofrimento psíquico e as trajetórias individuais, como forma de acesso à experiência cotidiana e a noção de pessoa.

Palavras-chave: sofrimento psíquico, individualismo, terapia psicanalítica.

Introdução

Este artigo visa analisar a demanda por terapia psicanalítica², existente entre indivíduos de segmentos de camadas médias urbanas, como forma de responder ao sofrimento psíquico, fruto de suas experiências, dando ênfase a uma esfera particular da vida psicológica individual como meio de apreensão da realidade social. A reflexão aqui apresentada é parte da pesquisa por mim realizada com estudantes universitários que fazem terapia psicanalítica, apresentada como trabalho de conclusão de curso (TCC) em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. A escolha do domínio privado se deve ao fato de que em nossa sociedade complexa, é nesse âmbito que se realizam as práticas da organização significativa que articulam os vários referenciais de identificação, inclusive os da esfera pública (Machado apud Duarte, 1986, p.16).

A modernidade, desde seu surgimento, contrapõe-se à ordem tradicional. As sociedades modernas ocidentais são constituídas numa mudança constante, rápida e permanente, não tem nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador. O

¹ Graduada em Ciências Sociais, UEL – Universidade Estadual de Londrina, Brasil.
(carol_araujo13@hotmail.com)

² Não abordarei neste trabalho uma análise interna das diferentes vertentes psicanalíticas, trata-se de apreender a noção moderna do indivíduo presente na psicanálise, independentemente de suas vertentes teóricas.

desenvolvimento do sistema capitalista de produção, que marca o início da era moderna, criou uma sociedade fundamentada numa acentuada divisão social do trabalho, aliada a um exacerbado aumento na produção e consumo, articulando um mercado mundial a um rápido e violento processo de crescimento urbano. As sociedades modernas são caracterizadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma pulverização de identidades, o homem moderno é aquele que constantemente tenta (re) inventar a si próprio.

Nesse sentido, um dos focos de análise da antropologia contemporânea se refere às sociedades urbanas modernas, também chamadas de complexas, fazendo distinção quanto à experiência em sociedades tribais e de pequena escala, cuja cultura é relativamente homogênea. Segundo Velho (1999), a problemática central dessa vertente, diz respeito à unidade e à descontinuidade dos sistemas sociais nos centros urbanos, privilegiando tanto o consenso quanto o conflito quer por parte do indivíduo, quer por parte da sociedade/cultura. A noção de complexidade traz a idéia de categorias sociais distinguíveis e de uma heterogeneidade cultural entendida como a coexistência, na maior parte do tempo conflituosa, de uma pluralidade de tradições étnicas, religiosas e ocupacionais. A dinâmica desse sistema social, cultural, econômico e político, acaba por resultar em formas específicas de sofrimento psíquico, onde se misturam sentimentos de desencantamento, apatia, busca de identidade, desorientação, narcisismo e conflitos de relacionamento social.

Assim, compreender os motivos que levam indivíduos intelectualizados das camadas médias a buscarem tratamento psicanalítico, não poderia deixar de passar pela conceitualização da noção moderna de pessoa, de indivíduo ou de “ser”. A idéia de pessoa formada por esses indivíduos psicanalizados, diz respeito menos a uma noção acabada de Pessoa, e mais a um sujeito em movimento e a uma noção que é reconstruída e redefinida permanentemente. Mais que um “ser” a pessoa é um devir, numa constante busca de uma interioridade que só se realiza plenamente em relação a uma dimensão exterior ao sujeito: de tornar-se “si mesmo” (MALUF, 1999). Desta forma, a pessoa que busca a terapia psicanalítica está voltada para sua interioridade, e é nesse espaço interior que ocorrem as transformações, na medida em que o indivíduo encontra a sua “verdade”. Nesse sentido, a grande problemática que parece marcar esta pesquisa se refere à idéia de um desconhecimento de si, que resultaria numa ansiedade crescente e acarretaria um sofrimento psíquico individual.

Este artigo se refere a uma “cultura psicanalítica”, que diz respeito ao *boom* da psicanálise, principalmente no Brasil, a partir da década de 70, resultando num processo de psicologização de setores da vida social brasileira. Essa cultura é composta por uma visão de mundo e um *ethos* particular onde o indivíduo é visto como uma unidade de representação, e a vida social é examinada como a coexistência e o confronto entre esses indivíduos e o meio social. Assim, segundo Sérvulo Figueira (1985), ao analisar a cultura psicanalítica, chega-se à noção de individuação, que consistiria no efeito da psicanálise de fortalecimento do ego e de um enriquecimento do indivíduo, tornando-o mais pleno e consciente. O processo de individuação, produzido pela psicanálise, passa pela razão, na medida em que atingir a lucidez e o auto-conhecimento se tornam o objetivo final do tratamento.

Dentro das sociedades modernas ocidentais, há diferentes experiências sociais que mostram diferentes conteúdos para o individualismo, desse modo, as crises das sociedades modernas, como o desmapeamento das mediações entre indivíduo e sociedade, não constituem fenômeno que se expresse de forma homogênea por toda a sociedade, mas a psicanálise acabou se estendendo a universos das camadas médias urbanas que se constituíram em uma clientela potencial em termos culturais e financeiros. Outros segmentos sociais, não apenas por motivos econômicos, mas devido a diferenças de experiências socio-culturais, vivenciam e representam a questão do indivíduo de outra forma, como por exemplo, as representações sobre sofrimento psíquico das classes trabalhadoras urbanas, considerado como doença de nervos, noção bem distinta do universo de camadas médias psicologizadas (DUARTE, 1986).

O discurso dos indivíduos que fazem terapia psicanalítica, é concebido não só como forma de representação, mas como de ação, pois é através da fala que ele elabora seus conflitos em relação a um saber espontâneo da realidade de seu tempo e espaço. Assim, o indivíduo psicanalizado entra em contato com seu inconsciente, atentando para a existência de algo além do que julga pensar e que é possível falar pelo silêncio. Deste modo, a clínica é vista como um espaço social de exposição de angustias, sofrimentos, desesperanças, de busca de sentido e de construção/desconstrução, onde o indivíduo expõem não só suas fraturas subjetivas, como também as do mundo onde vive (SOARES, 2000).

Para Velho (1999), é através da verbalização de um discurso que se obtém a indicação entre projetos verbalizados e não verbalizados, ou seja, ações conscientes ou inconscientes. É dessa perspectiva que se coloca a reflexão que o próprio indivíduo faz sobre suas condutas e sentimentos através das narrativas pessoais.

Desta forma, a técnica de pesquisa mais apropriada para os objetivos deste trabalho, foi a entrevista em profundidade que possibilitou apreender o percurso individual da experiência terapêutica e acabou confundindo-se com parte da história de vida do sujeito que, no momento de sua narrativa, organiza sua experiência e os sentidos a ela atribuídos. As narrativas dos sujeitos sociais sobre seus itinerários pessoais e suas experiências terapêuticas, segundo Maluf (1999), trazem, de forma acentuada, essa dimensão de desvendamento ou de revelação da construção social da pessoa e dos sentidos atribuídos a sua experiência. Assim, o antropólogo acaba escutando com atenção os indivíduos, seus diálogos, suas queixas, seus sofrimentos, suas histórias.

Segundo Levi-Strauss (2003) , o psiquismo individual não reflete o grupo, muito menos o pré-forma, mas é necessário uma complementariedade entre psiquismo e estrutura social. Segundo o autor, a única garantia que podemos ter de que um fato total corresponde à realidade é que ele seja apreensível numa experiência concreta de uma sociedade localizada num tempo e num espaço, mas também de um indivíduo qualquer dessa sociedade, pois jamais podemos estar certo de que atingimos o sentido e a função de uma instituição se não somos capazes de reviver sua incidência numa consciência individual. Assim, deve-se coincidir a objetividade da análise histórica ou comparativa, com a subjetividade da experiência vivida.

A narrativa pessoal sobre a eclosão de um determinado sofrimento impõe ao indivíduo a necessidade de reflexão acerca de sua aflição, problematizando a respeito do sentido e do por que de tal sentimento, levando o indivíduo a repensar a sua própria experiência e trajetória de vida, constituindo seu *self*. Além disso, na análise das narrativas pessoais é possível apreender o modo como o indivíduo julga ser visto pelo outro – como ele se vê sendo visto – informando a visão que tem de si mesmo. Assim, a construção elaborada acerca de sua biografia deve ser coerente ao interlocutor, pois caso contrário, o sujeito corre o risco de ver sua tentativa de manter/construir uma identidade e trajetória de

vida ser desacreditada e inviabilizada. A narrativa dessa forma é vista como constituinte da construção de uma versão coerente de si (SOUZA, 1998).

A importância da análise das narrativas biográficas, segundo Rabelo e Alves (1999), é que ela permite apreender dimensões da experiência emotiva do indivíduo, na medida em que põe à vista uma relação entre o sujeito e o contexto em que está inserido, o que constitui material fundamental da pesquisa. Segundo os autores: “A emoção brota da forma pela qual o indivíduo apreende sua situação particular em um dado contexto” (RABELO; ALVES, 1999, p.194). Dessa forma, entende-se a emoção como algo que sempre se alimenta da cultura, e varia de acordo com concepções subjetivas de pessoa, corpo, identidade, ou seja, constituem um *self* que se situa e orienta de maneira específica a cada contexto. Assim, as narrativas de emoções são a tentativa de interpretar essas experiências, explorar reflexivamente seus contextos, tornando-as claras e manuseáveis, e esse pode ser o caminho tomado pelos indivíduos que buscam a terapia psicanalítica a fim de um auto-conhecimento para melhorar suas relações sociais. Nas palavras dos autores, “(...) as narrativas que os indivíduos elaboram não apenas refletem uma percepção do mundo, mas conduzem a um modo específico de ser no mundo” (RABELO; ALVES, 1999, p.2001). A apreensão dessas narrativas é relevante, então, na medida em que conduzem uma antropologia interessada em compreender e teorizar sobre as relações entre subjetividade, cultura e sociabilidade.

Apresentarei aqui a análise de um dos entrevistados desta pesquisa, sendo esta entrevista a que considero mais sintetizante das idéias desse trabalho. Assim, analiso a entrevista com Mariana³, que tem 22 de idade, pertencente às camadas médias urbanas, estudante do último ano do curso de Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina em terapia psicanalítica há um ano. Nesta pesquisa, o sujeito da análise, por pertencer às camadas médias urbanas, intelectualizadas e psicologizadas, possui uma vivência de experiências ecléticas, que cada indivíduo percorre segundo suas escolhas e itinerários singulares referentes a universos simbólicos diferenciados. Nesse sentido, a experiência do indivíduo é melhor compreendida analisando seu próprio discurso, sua narrativa. Segundo Maluf, “(...) cada um conta sua história pessoal e se representa nessa

³ Nome fictício a fim de garantir o anonimato da pessoa que colaborou e consentiu a divulgação da pesquisa, através do Termo de Consentimento Informado.

história" (1999, p.74), onde o coletivo, o cultural e o individual se encontram e expressam a dinâmica do processo subjetivo e social.

Subjetividade, cultura e psicanálise

Acerca da demanda por terapia psicanalítica Figueira afirma ser:

(...) de grande valor heurístico a problematização da 'demanda de tratamento psicanalítico'. (...) a partir de explicações que definem e redefinem o lugar da demanda, é possível imaginá-la localizada em qualquer ponto de um *continuum*. Em um dos extremos deste *continuum* o indivíduo (vontade do sujeito; problemas do sujeito; psicologia) no outro a sociedade (a vontade do sujeito é expressão da sociedade ou de uma parte sua; os problemas do sujeito são produzidos pela sociedade; ciências sociais) (FIGUEIRA, 1981, p.7-8).

A busca voluntária por terapia psicanalítica nos dias de hoje, se refere a uma busca dos indivíduos dos grandes centros urbanos por uma intimidade, interioridade, por uma definição privada de sua vida. A antropóloga Maluf (1999) realizou um estudo etnográfico em Porto Alegre com pacientes, terapeutas e buscadores de culturas terapêuticas e espirituais alternativas no Brasil. Nessa pesquisa, a autora pontua que esses indivíduos estão atrás de tornar-se "si mesmo". Esse devir significa o reencontro de uma essência sufocada e deformada pela educação e pela socialização na família, na escola, na sociedade. É nesta mesma lógica que Mariana, sujeito de minha pesquisa, aponta para o motivo pela busca de terapia psicanalítica. Em suas próprias palavras:

Foi pra me conhecer especificamente, me conhecer mesmo, porque eu estava muito preocupada em saber se os outros iam dar conta dos meus problemas entendeu?! Não é pra você chegar lá e sentar e falar "Ah mas mau pai faz isso, isso e aquilo, ah mas meu relacionamento com a minha mãe é esse, ah mas meu namorado é um filho da puta porque faz não sei quanto tempo que a gente tá junto e o cara não muda nisso, nisso e aquilo", então aquela pessoa vira pra você e fala "Mas e você? Aonde

você entra nisso tudo?” (...) Então ta sendo bom pra mim nesse sentido, porque além d’eu ir lá desabafar, eu to pensando mais em mim sabe, e a Mariana.? O que a Mariana é? Até onde vai meu limite?

(...) eu nunca tive um relacionamento fácil com meu pai, eu tinha até enquanto eu era criança, que aí eu não pensava, não opinava, não entrava em contradição com ele, depois...acabou, imagina, filha única, mulher, e ele foi do tipo que aprontou quando era novo, então ele imagina que eu iria seguir o mesmo rumo, então a gente nossa...eu não consigo sentar com meu pai pra discutir política porque a gente vai brigar, o negócio acabou se dissipando para todas as áreas de relacionamento.(...) ele não vai mudar sabe?! É o que eu to vendo, não vai, ele é desse jeito, eu tenho que me preocupar comigo, porque os outros não se preocupam com a gente. To aqui hoje batendo um papo com você, os meus problemas vão ser um ponto da sua pesquisa. Tipo assim, você ta preocupada com meus problemas até ali, e é assim com todo mundo, não importa se é teu parente, se é teu amigo, a gente tem que ir atrás das nossas coisas, e foi o que me fez correr atrás de tratamento, porque eu comecei a ver que eu tava começando a entrar em depressão com 22 anos de idade (...) emagreci 3 quilos em uma semana, então eu falei “não, tenho que correr atrás de mim, porque eu não to vendo ninguém correr, então eu que tenho que correr” e fui sabe, e posso te dizer que melhorou.⁴

Mariana parece sofrer devido a uma falta de entendimento de si, sua necessidade de auto-conhecimento parece se referir a uma necessidade de constituição do próprio *self*. É uma busca do fortalecimento desta idéia do “eu” que se reconhece, conhece seus limites, para poder dar conta de si sozinho, “sem precisar contar com ninguém”.

Segundo Gilberto Velho (1986), a definição básica de sociedade complexa moderna é a coexistência de vários domínios que, embora relacionados, apresentam especificidades e relativa autonomia, assim, há diferentes códigos operando em função de diferentes domínios. Por domínio entende-se a família, o trabalho, a política, a amizade, a religião, a sexualidade, o lazer. Desse modo, as especificidades desses domínios estão relacionadas à diferença de *ethos* e representação do próprio indivíduo, nesse sentido, de

⁴ Todas as falas são parte das entrevistas realizadas.

alguma forma, o sujeito tem que decidir e escolher um caminho específico, ou seja, é preciso definir e descobrir o que se quer, o que o indivíduo pretende. É segundo essa máxima das sociedades complexas que a construção da identidade se torna um problema central. Para Oliveira (2002), é preciso separar o Eu e a Identidade ou as Identidades que um indivíduo pode assumir nas sociedades modernas. Manter a integridade de seu Eu parece constituir hoje preocupação central das pessoas que buscam uma terapêutica a fim de “auto-conhecimento”. Pois enquanto as identidades são experimentadas como pluralidades na vida social, o Eu é experimentado como uno, pois é ele que garante a continuidade e multiplicidade de identidade.

Assim, a grande tendência do pensamento ocidental moderno diz respeito ao *self* ser independente da visão do outro, ser anterior aos papéis sociais que desempenha, ser o somatório de vários papéis que desempenha, ou se o indivíduo realmente é o que ele faz. Ora, diante de tantos questionamentos a respeito da própria noção de pessoa referente ao indivíduo moderno, as crises existenciais oriundas dessa fragmentação identitária não poderiam deixar de ser experienciadas. Segundo Velho, “Cabe distinguir o lugar do indivíduo na construção social da identidade de qualquer grupo ou sociedade e o desenvolvimento de uma ideologia individualista que, em princípio, estaria vinculada a tipos particulares de experiência e história” (Velho, 1999, p.45). Esses indivíduos psicologizados de camadas médias são possuidores de uma liberdade relativa, que existe em função de um enorme campo de possibilidades de desempenhar diferentes papéis sociais, o que resulta numa fragmentação que permite o deslocamento de um domínio para outro. A busca é então, em meio a esses múltiplos papéis a serem desempenhados, algo a ser apreendido que possa atribuir consistência e coerência à existência.

Segundo Velho (1999), o lugar do indivíduo na construção social de seu Eu, está intimamente relacionada ao desenvolvimento de uma ideologia individualista em suas relações, sendo as crises da vida e o recurso à psicanálise momentos privilegiados para perceber uma vertente individualizante nos sujeitos. A entrevistada continua:

Sabe quando você começa a desconfiar assim: “não, mas não é possível que 90% das pessoas me falando uma coisa e eu achar outra, tem que ter alguma coisa errada. Além de ter sido por isso, sabe quando você começa a notar que os amigos com quem

você conversa já tem a mesma opinião sempre sobre seu assunto, não tinha mais como conversar com ninguém sobre meus problemas entendeu?! (...) Ninguém mais agüentava ouvir, você começa a perceber isso nos outros, você não é tonto sabe?! Aí eu falei assim: “Ah, então beleza, não vou mais encher o saco de ninguém para falar das minhas coisas”, além do que, as pessoas acabam participando dos seus problemas de uma forma ou de outra, e todo mundo que ta no meio envolvido é igual a você, pra dar um palpite, pra dar uma opinião, uma orientação, vale tão pouco quanto a sua. Então eu falei “ah, vou procurar alguém de fora, alguém tipo assim, imparcial entendeu, que eu vou chegar lá, vou poder falar, vou poder desabafar, e vamos ver o que que dá.

(...) sabe quando você fica menos crítica para as coisas dos outros, por exemplo, se eu to falando dos meus problemas para alguém, e essa pessoa ta olhando pro lado, paciência, realmente essa pessoa não tem a obrigação de me entender, e se eu tivesse num dia ruim e essa pessoa chegasse falando um monte de coisa, eu ia fazer o mesmo que essa pessoa, que que eu to julgando que eu tenho que ter atenção, que eu tenho que ter conselho, que eu tenho que ter paciência, eu ia fazer o mesmo que ela. (...) eu to vendo que o que ela (analista) ta querendo trabalhar comigo é que a responsabilidade da minha vida não depende só dos outros, depende do que eu to fazendo.

(...) pretendo chegar a alguém que pare de achar que depende dos outros para ser feliz, que dependo da aprovação dos meus pais para eu ser feliz, que eu dependo das mudanças do meu namorado para eu ser feliz, que dependo do meu êxito em tudo para eu ser feliz, para ser satisfeita, buscar começar entender que no fundo, no fundo, eu dependo de mim, os outros não vão ficar fazendo as coisas para mim. Não é você Maria Carolina que vai resolver meus problemas, que vai todo dia me elogiar, eu é que tenho que me achar, e eu não me acho hoje, te dizer que eu acordo todo dia e falo “ai como eu sou linda, ai como eu sou feliz” é mentira, dizer “como meus problemas perto dos outros são pequenos” mentira, eu sei que tem gente 10 mil vezes com problemas mais sérios do que o meu, só que o que eu tenho hoje me incomoda muito, então é isso que eu to buscando (com a análise), tentar ser uma pessoa mais forte nesse sentido, e fazer as coisas por mim e não sempre em função dos outros

Nesse trecho da entrevista, fica claro a busca por uma individuação típica da ideologia moderna. O indivíduo dos grandes centros urbanos, busca de alguma forma uma valorização de si mesmo, já que o outro estará ocupado consigo mesmo. Assim, torna-se essencial constituir uma auto-estima, construir o próprio *self*, sua individualidade, privacidade. Um sentimento narcísico que se refere a “busca por um lugar ao sol” numa sociedade super populada como os centros urbanos. Além disso, esse sujeito busca conhecer a si próprio, “dar conta de si sem precisar contar com ninguém”, somente à uma dimensão individualizante da cultura moderna, tal noção poderia estar presente como uma condição, uma necessidade para se estabelecer qualquer em relacionamento.

A necessidade de uma não dependência do outro constitui um dos grandes paradoxos das sociedades complexas, já que vivemos em sociedade e buscamos relações com os outros. A total independência é ilusória quando se relaciona socialmente, mesmo que essa relação seja superficial. Os indivíduos de camadas médias incorporam de maneira mais intimista a esfera privada, mas a grande questão desses indivíduos é que eles atuam no domínio público, conforme analisa Velho, “Tanto homens como mulheres trabalham e têm algum tipo de participação ou inserção na vida pública, com maiores ou menores responsabilidades” (VELHO, 1986, p.40). É dessa forma que se estabelece a tensão entre a esfera pública e a privada. Como Velho (1986) bem analisou, o encontro e o desencontro com o outro constituem preocupação central deste universo. A tensão entre individualização e a busca de sociabilidade e de aliança, acabam permeando a discurso de Mariana, já que ao mesmo tempo em que ela não quer depender absolutamente de ninguém, ela fica extremamente magoada e irritada quando percebe que as pessoas não tem tempo, paciência e atenção para ouvir seus problemas. O paciente psicanalítico parece um consumidor ansioso de reassseguramento de sua subjetividade autêntica, de um aprofundamento de sua vida própria, para só assim, conseguir da melhor forma (re)estabelecer as relações sociais de forma que estas sejam agradáveis tanto a si próprio quanto para o outro (Figuera, 1981). E essa tensão ficou evidente no discurso da entrevistada, pois aparecem reclamações sobre a relação familiar, a relação afetiva, a relação entre amigos, sendo essas dificuldades de relacionamento como uma das principais causas para a busca de terapia psicanalítica.

Segundo DaMatta (2000) há uma diferença de conceito entre os termos individualidade e individualismo. Para o autor, há uma passagem da individualidade, que seria as experiências da condição humana, para o individualismo que é uma ideologia central para as civilizações ocidentais. Segundo DaMatta, a modernidade diz respeito à institucionalização do indivíduo enquanto valor postulado maior do que a sociedade da qual ele é parte. Muitas sociedades do mundo reconhecem e são capazes de institucionalizar a experiência da individualidade, como à experiência apontada por Dumont (1985), de estar fora-do-mundo e, portanto, livre das obrigações sociais. Isso pode ser visto nos papéis histórico do profeta, do messiânico, do místico, do curador, do xamã, do feiticeiro, dos santos, dos peregrinos. Esse indivíduo fora-do-mundo, no entanto, vivencia e conceitualiza o coletivo como complementar, se individualiza temporariamente para cumprir suas obrigações sociais. Já o nosso individualismo vivencia o afastamento do grupo como um movimento marcado por interioridade e subjetividade. Foi somente na civilização ocidental que o indivíduo não só é parte essencial do mundo, como também um ser dotado de uma independência e de uma autonomia que não tem paralelo em nenhuma outra sociedade. Enquanto nas civilizações individualizantes há uma interdependência do indivíduo com o social, nas civilizações ocidentais modernas prevalece um sentimento de autonomia, uma liberdade que se constitui como instituição, um sentimento de não ser subjugado, de fazer como bem entende.

A independência em todas as esferas da vida social e a (auto) referencia do indivíduo para tudo, como parâmetro, como juízo, se mostra como algo fundante para alcançar o bem-estar individual, mais um exemplo da necessidade de constituição de uma individualização, no entanto tal condição se torna inviável visto que o indivíduo vive em sociedade e em relação com o outro em quase todos os momentos de sua vida.

Essa necessidade de uma cisão entre a sociabilidade e a individualidade, acaba por resultar em relacionamentos, cada vez mais superficiais, como aponta Mariana. Parece que qualquer forma de relação se constitui num campo de batalha onde ambas as partes se defendem como pode uns dos outros. O resultado disso, é que nos centros urbanos os indivíduos tendem a se isolar cada vez mais uns dos outros, o sentido de comunidade/coletividade fora perdido, resultando no surgimento de novos arranjos sociais, redes e grupos associativos, como a internet por exemplo. Mariana aponta essa

característica das sociedades complexas quando conta seu estranhamento em sua primeira seção de análise:

No primeiro dia foi muito estranho. Porque é uma salinha, um sofá pra você sentar e um outro em que ela senta na sua frente, uma pessoa que você nunca viu na sua vida, que fala baixinho, calminho, sabe quando você pensa “meu, o que que eu to fazendo aqui?”, você maior sem jeito de começar a falar, tanto é que a primeira coisa que falei pra ela foi “Priscila, eu não sei o que te falar”, daí ela, “calma, agente vai conversar, a gente tem 50 minutos pra conversar, fala o que você quiser, como foi seu dia hoje?” Meu, era uma pessoa estranha, como que você vai começar a falar dos seus problemas, o que você sente, o que você acha, para uma pessoa que você nunca viu, pra mim aquilo foi...aí depois que você começa a se sentir mais a vontade, ela vai te fazendo perguntas, vai te ajudando a falar, tipo, você lança um comentário “ah, meu dia foi assim” e ela “mas por que?”, ela vai puxando as coisas, você não precisa ficar neurótica, querendo saber “ai vou chegar lá hoje e o que que eu vou falar pra ela?”, é uma coisa que vai acontecendo naturalmente. E outra coisa que me deixou meio assim no primeiro dia foi que lá pro fim da sessão, quando eu tava me soltando mais, aí ela virou pra mim com o maior cuidado, mas pra gente é desagradável: “Olha, então, nosso encontro de hoje acabou, semana que vem a gente continua”, eu olhei e pensei “nossa, então tá”. Pra mim foi muito estranho aquilo, mas é compreensível porque ela tem horário.

(...) ela queria tanto que eu falasse, a hora que eu comecei a falar, acabou o tempo e ela teve que encerrar o negócio sabe?! Me senti mal. (...) queria que ela continuasse me ouvindo oras, ela perguntou, eu tava respondendo, daí ela vira pra mim e fala “ó, acabou nosso tempo vem semana que vem”, foi uma situação sabe...eu acho que ela percebeu da minha parte porque ela virou pra mim, como era o primeiro encontro, e disse “você vai querer voltar, vai querer dar continuidade?”, e eu falei que não sabia, não falei vou, falei “eu vou pensar essa semana e eu ligo aqui” e falei séria sabe?! (...) Daí eu voltei porque eu compreendi que essa mulher tem horário, tem outros pacientes, não é assim, ela não tem todo tempo do mundo pra ficar me atendendo.

(...) porque uma vez nesse tempo todo que eu tava louca com todas essas idéias passando pela minha cabeça, foi uma pessoa que parou e ficou me ouvindo, olhando no meu olho o que eu tava falando, sentada na minha frente, sem ta cutucando não sei o que, acendendo cigarro, ela teve aquele momento pra mim assim como eu tive para ela, ela sentou, me ouviu e se interessou pelo o que eu falava, me perguntou “mas por que? Mas será?”, por isso foi bom, que diferente de tudo o que tava acontecendo comigo até então, foi uma pessoa que teve um momento para aquilo. Não que minhas amigas não tenham, de repente meu namorado nunca tenha tido, mas foi diferente sabe, tipo você sentir que realmente alguém estava se importando, prestando atenção, querendo te ajudar de alguma maneira.

Segundo o autor Walter Benjamin, em seu texto “O Narrador” (1994), estamos incapacitados de exercer uma faculdade que a princípio parece segura e trivial, que é a faculdade de intercambiar experiências. A causa disso se refere à transitoriedade frenética de nossas experiências de vida no interior das sociedades modernas. Nesse sentido, fica evidente uma cisão do eu com o outro, parece estarmos próximos só na aparência, na essência nos isolamos uns dos outros, é por isso talvez, que o indivíduo cada vez se conhece menos, segundo Benjamin, é através do compartilhamento de experiências de vida, exercidas no saber narrar e ouvir, prática comuns nas cidades pequenas ou em sociedades tribais, que constituem o modo como os indivíduos orientam suas vidas, pois assim atribuem a ela algum sentido.

Essa necessidade de ter alguém exclusivamente para si, escutando, prestando atenção e se interessando somente por você, constitui algo cada vez mais complicado nos nossos dias, pois nossa comunicação está repleta de ruídos que vem de todas as partes devido ao ritmo acelerado de nosso cotidiano, além das imagens e barulhos por toda parte, e que são inerentes aos centros urbanos. Outro ponto é a busca pela constituição de uma individualidade presente nos indivíduos que faz com que ninguém ocupe sua mente com os problemas do outro, pois a máxima de nossa atual sociedade é pensar primeiro em si mesmo e depois no outro, o problema é que diante de nossa atribulada vida cotidiana, parece ser o tempo dedicado aos outros cada vez mais escasso.

Para Lévi-Strauss (2003), toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, nesse sentido, não se pode reduzir o social ao psicológico por meio das psicopatologias, pois cada sociedade possui suas formas preferidas de distúrbio mental, sendo estes distúrbios tanto quanto as formas normais, função de uma ordem coletiva. Assim, segundo ele, os diferentes tipos de distúrbios se dispõem em categorias, admitem classificações, e as formas predominantes não são as mesmas em toda sociedade ou segundo esse ou aquele momento da história de uma tal sociedade.

As neuroses atuais, presentes em nossas sociedades ocidentais e complexas, freqüentam um mundo de buracos, de vazios no psiquismo, uma dificuldade de efetuar o processo de simbolização e representação, onde as condições de formação dos objetos não se cumprem, seja por excesso ou falta de experiências sensíveis ao espírito humano. Segundo Lowenkron (2003), as manifestações de sofrimentos psíquicos atuais se referem aos transtornos depressivos, ao sentimento de vazio interior, os de redução de auto-estima e de falta de identidade, somatizações graves e abusos de drogas e outras atividades perversas. Assim, se constituem novas doenças da alma que são produtos dos novos tempos, de uma nova ordem social e das desordens que lhe são próprias.

A autora salienta o aparecimento de uma cultura narcísica, que constitui uma imagem idealizada do ser, para ela, “Alteração do sentido de tempo, intenso temor ao envelhecimento e à morte, fascínio pela celebridade, deterioração das relações entre os homens, negação feroz da dependência ao outro, são alguns dos padrões característicos da cultura contemporânea fortemente narcísica” (Lowenkron, 2003, p.997). A ideologia individualista pode ser a grande produtora desse narcisismo, além da lógica da sociedade de consumo, que promove a ilusão de satisfação de todos os desejos e de uma liberdade individual irrestrita. Tais sentimentos acabam por produzir um mal-estar na forma de apatia, vazio interior, solidão e fracasso.

O desafio tanto do psicanalista e principalmente do paciente é que o sofrimento subjetivo se manifesta sob forma de sintomas narcísicos e depressivos, em indivíduos que cada vez mais, como já foi visto, tem dificuldades para articular numa narrativa as próprias histórias, vivências e dores. Uma das questões dessa pesquisa se refere a uma peculiaridade da terapia psicanalítica frente a outros tipos de psicoterapia como a comportamental, ou então às terapias orientais neo-espiritualistas. As áreas das perturbações da vida a qual os

pacientes psicanalíticos se voltam não são exclusivamente médicos e nem exclusivamente secularizado. Muitos indivíduos de camadas médias urbanas procuram terapêuticas que promovem alívio rápido de seus males, tornando-se dependentes de medicamentos, relutando em aceitar a perspectiva de longo prazo, vendo como impossível para seu ritmo de vida a regularidade dos encontros que demanda a terapia psicanalítica. Há àqueles que buscam um retorno à espiritualidade, ao metafísico, ao secular para encontrar as respostas em um outro plano que não seja o da realidade concreta. Mas há quem quer simplesmente ser ouvido, quem quer (re) construir seu aparelho psíquico, entrar em contato com seu “eu”, através do inconsciente, restabelecer sua capacidade de representação dos significados, atribuir por si mesmo os sentidos de suas experiências, pelo menos no tempo em que estiver dentro da clínica. Mariana sabia que essa terapia que ela havia escolhido para dar conta de seu sofrimento poderia não ter fim, era um tratamento em longo prazo, mas ela gostava do modo como a terapêutica funcionava, gostava de falar e ser ouvida, gostava da sensação de exclusividade que o analista proporcionava. Isso mostra o quanto podemos nos sentir sozinhos mesmo vivendo em uma sociedade que nunca concentrou tanta gente em um único lugar.

Evans-Pritchard (2005) analisa o sistema de bruxaria dos Azande na África, como sendo um sistema sustentado por uma teoria das causas. Segundo o autor, o problema que os Azandes procuram solucionar com sua crença na bruxaria é o seguinte: Por que acontece a mim e não aos outros uma desgraça? Em nosso sistema de pensamento, dizemos que pode ser má sorte, eles dizem que é por conta da bruxaria. A bruxaria não responde de que morreu, mas por que morreu uma pessoa. Evans-Pritchard conclui que a mente dos Azande trabalha com os mesmo moldes lógicos que a nossa, apenas utilizando materiais culturais diferentes. Assim, a crença no sistema de bruxaria teria o mesmo tipo de fundamento que no valor atribuído a terapia da psicanalítica, ou seja, tanto a magia quanto à psicanálise utilizam proposições que se apresentam de maneira não verificável concretamente pelo cliente/paciente.

Segundo Paula Monteiro (1986), as operações mentais da magia comportam julgamentos de valor fundamentados mais na afetividade que na razão. No entanto, essa dimensão afetiva não retira o rigor desse pensamento, pois a lógica que governa o pensamento coletivo é mais exigente que o individual. São as necessidades reais comuns e

constantes que a magia satisfaz, dando a ela sua razão de ser, sua coerência. Essa forma de funcionamento do pensamento mágico pode ser análoga ao pensamento psicanalítico, e nesse sentido, é preciso saber em termos de que tipo de representação os indivíduos acreditam que a magia é eficaz, e em que tipo de representação os indivíduos das camadas médias urbanas acreditam que a psicanálise seja eficaz. Pois segundo Monteiro, procura-se um mágico porque se acredita nele de antemão, para a autora “Dessa crença participam o mágico, o cliente e o grupo social como um todo” (Monteiro, 1986, p.61), da mesma forma acontece com o indivíduo que procura a terapia psicanalítica, pois há uma crença coletiva, pelo menos do grupo no qual o indivíduo está inserido, de que este profissional possa curar todo sofrimento e aflição.

Segundo Paula Monteiro (1986), é atribuindo um sentido coletivamente estruturado às desordens individuais que o rito se torna eficaz. O distúrbio quando se torna acessível a uma significação, se constitui para o indivíduo num instrumento e compreensão de seus conflitos e da forma como esses conflitos se relacionam com a ordenação do mundo social, nas palavras da autora, “Frustrações, antagonismos, contradições pessoais se articulam num sistema de significação que permite ao indivíduo compreender que os males que o afligem não advêm simplesmente de sua fraqueza ou incapacidade pessoal, mas têm a ver com o lugar social que ocupa” (Monteiro, 1986, p.65). Ora, é nessa capacidade de atribuir sentido às aflições e sofrimentos que a psicanálise atua em seus pacientes/clientes.

Conclusão

Segundo Velho (1986), na sociedade moderna o indivíduo tende a se pensar a unidade básica significativa, a medida de todas as coisas, e isso fica mais evidente nas camadas médias intelectualizadas que interiorizam e vivenciam a ideologia individualista. A extrema valorização do privado em detrimento da esfera pública, apresentada pelos indivíduos de camadas médias, parece estar vinculada a uma estrutura socio-cultural. A categoria social da sociedade brasileira, segundo Velho (1986), tende a sublinhar uma rejeição à política, no sentido da vida pública, e o investimento existencial é, dessa forma, concentrado no privado. Parece haver uma tendência de afastamento progressivo com

relação aos domínios objetivos da sociedade, o foco se vira para a subjetividade, sendo esta valorizada e considerada a válvula propulsora de um verdadeiro bem estar.

Parece que a essência dos indivíduos das camadas médias nos grandes centros urbanos, não depende de circunstâncias externas, depende exclusivamente do valor que ele mesmo se dá, parece que é nesta máxima que as pessoas que se utilizam da terapia psicanalítica justificam a necessidade e utilidade deste tratamento. Segundo podemos ver nos trechos da entrevista de Mariana, o auto-conhecimento é algo que em primeiro plano serve ao próprio indivíduo, um privilégio à si próprio, um cuidar de si, e as conseqüências disso são melhores relações com o outro, pois ela julga ser esse auto-conhecimento fundamental para a não dependência do outro em nenhuma de suas relações, e de acordo com Cassirer: “Aquele que vive em harmonia consigo mesmo, com seu demônio, vive em harmonia com o universo” (Cassirer, 1994, p.19).

Assim, pensar a demanda por terapia psicanalítica, é pensar na representação do sofrimento psíquico feita pelos indivíduos como algo inerente à sociedade, pois é por ela produzido. Voltar-se para a subjetividade, nesta pesquisa, constituiu-se como um paradigma teórico relevante para entender a realidade social. Não é o homem político, nem o homem econômico, mas é o homem social que interage com os outros e constitui a sociedade ao mesmo tempo em que vai se constituindo, num processo contínuo e sem fim. Dessa forma, o indivíduo não pode ser considerado apenas em sua dimensão biológica e objetiva, há de se voltar à atenção para a subjetividade, segundo Velho, “O homem é um organismo superior, com um *self* cujas potencialidades podem ser desenvolvidas” (Velho, 1986, p.14).

Este trabalho discute, indiretamente, os efeitos da constituição de uma “cultura psicanalítica” e a “psicologização” de alguns setores da vida social. A cultura psicanalítica pode ser analisada como ideologia, visão de mundo ou como sistemas de representação articulada a um segmento social específico, estabelecendo um *eidós* e um *ethos* específico. Segundo Figueira (1985) o *eidós* se estabelece num sentido de uma lógica para o pensamento, que inscrita num âmbito pessoal, possa dar conta de explicar o mundo externo. O *ethos* é visto como um psicologismo individualizante que privilegia a expressão das emoções, onde o inconfessável é tratado como algo recalcado, atribuindo um sabor de liberação pessoal e bem estar aos envolvidos nesse processo terapêutico. Dessa forma, o

centro da análise dessa cultura está no *self* das pessoas que participam dessa cultura psicanalítica. Assim, a relação entre ciências sociais e psicanálise, nesta pesquisa, buscou codificar os sentimentos, atribuindo um ponto de vista que permita compreender o que ocorre com as emoções e com o imaginário no cotidiano desses sujeitos, entrando em temas que levam em conta o ponto de vista dos próprios indivíduos inseridos nessa cultura.

Referências

- BENJAMIN, Walter, (1994). Benjamin. O Narrador. In: Walter Benjamin. *Obras Escolhidas vol. 1. Magia Técnica, Arte e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense
- CASSIRER, Ernst. (1994). *Ensaio Sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- DUARTE, Luis Fernando Dias. (1986). *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DAMATTA, Roberto. (2000). Individualidade e Liminalidade: Considerações sobre os Ritos de Passagem e a Modernidade. In: *MANA*. v. 6. n.1. p.7-29.
- FIGUEIRA, Sérvulo. (1985). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1981). *O Contexto Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. (2005). *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LEVI-STRAUSS, Claude. (2003). Introdução a Obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (1975). O Feiticeiro e Sua Magia. In: LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LOWENKRON, Aurea Maria. (2003). Sobre a Clínica Psicanalítica da Atualidade: novos sintomas ou novas patologias? In: *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 37. n.4. p.993-1008.
- MALUF, Sônia Weidner. (1999). Antropologia, Narrativas e a Busca de Sentido. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 5, n.12, p.69-82, dez.
- MONTEIRO, Paula. (1986). *Magia e Pensamento Mágico*. São Paulo: Ática.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (2002). O Eu, suas Identidades e o Mundo Moral. In: *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p.11-25.
- RABELO, Mirian Cristina; ALVES, Paulo César. (1999). Tecendo o *Self* e Emoção das Narrativas de Nervoso. In: RABELO, Mirian Cristina (org). *Experiência de Doença e Narrativa*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- SOARES, Jorge Coelho. (2000). A Crise da Sociedade Contemporânea e o Sofrimento Psíquico. In: *Revista Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, v.23. n.1-2. p.220-231. jun-dez.
- SOUZA, Iara Maria de Almeida. (1998). Um retrato de Rose: considerações sobre processos interpretativos e elaboração de histórias de vida. In: DUARTE, Luis Fernando

Dias; LEAL, Ondina Fachel (org). *Doença, Sofrimento e Perturbações: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

VELHO, Gilberto. (1999). *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1986). *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar.